

A HUMANIZAÇÃO NO CONTO “TCHAU” DE LYGIA BOJUNGA

Liliane Lenz¹

Resumo: Segundo Antônio Cândido (1972), a literatura tem uma função definida na sociedade, que é tornar o homem mais humano, isso é, tem a função de humanizá-lo. A humanização é um processo que confirma no homem os adjetivos que a sociedade reputa como essenciais. No presente artigo vamos conhecer um pouco da autora Lygia Bojunga e contexto em que viveu para melhor compreender o conto “Tchau”, que nos dá um vislumbre do sentimento do ser, mostrando a humanidade ou (des)humanidade para com o outro. Com autores como Cândido (1972), Eco (2013) e Silva (2008) vamos procurar demonstrar como a autora possibilita a humanização não só da personagem, mas também do leitor que entra em contato com tal conto.

Palavras-Chave: Humanização. Lygia Bojunga. Narrativa. Sentimento.

THE HUMANIZATION OF THE SHORT STORY “TCHAU” BY LYGIA BOJUNGA

Abstract: According to Antônio Cândido (1972), the literature has a defined role in society, which is making the most human, that is, has the humanizes it function. Humanization is a method to confirm in man the adjectives that society deems as essential. In this article we will know a little of the author Lygia Bojunga and the context in which she lived to better

¹ Formada em Pedagogia e Letras, especialista em Língua Portuguesa/Literatura e Educação Especial, mestranda em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), campus Tangará da Serra. Endereço eletrônico: lililenz10@hotmail.com.

understand the by tale, that gives us a feeling of being glimpse, showing the humanity or inhumanity toward others. With authors such as Cândido (1972). Eco (2013) and Silva (2008) we will try to demonstrate how the author makes it possible to not only humanization of character, but the reader who comes in contact with the tale.

Keywords: Humanization. Feeling. Lygia Bojunga. Narrative.

A humanização do ser

Quando o leitor entra em contato com o livro, procura compará-lo com o que lhe é conhecido, pois “a fantasia nunca é pura” (CANDIDO, 1972, p. 83), sempre remete o leitor a uma paisagem, sentimento, medo, cheiro, problemas, costumes, etc., e isso fará com que tenha uma reação diante da obra, possibilitando a reflexão sobre o mundo que o cerca. A literatura tem uma força humanizadora não porque apresenta uma estrutura organizada, mas porque possibilita a expressão do homem e depois atua na sua formação.

Dessa forma, a literatura tem também uma função psicológica, que é a necessidade que o ser humano tem de fantasia, de imaginário. Segundo Candido,

a produção e a fruição desta (da literatura) se baseia numa espécie de necessidade universal de ficção e fantasia, que de certo modo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidade mais elementares (1972, p. 82 e 83, grifo nosso).

Essa necessidade é suprida através da literatura em qualquer pessoa, seja simples ou erudita, adulto ou jovem, etc., pois cada ser entrará em contato com aquilo que lhe agrada, como, por exemplo, os contos populares, as anedo-

tas, os causos, o folclore, o trocadilho, a narrativa esteticamente elaborada, entre outros.

Antigamente, as pessoas tinham acesso a esse conhecimento através dos livros, folhetins, jornais e pela oralidade, esta última geralmente passada de pai para filho. Porém, tempos depois, a necessidade de fantasia também passou a ser suprida através dos filmes, das telenovelas, das histórias em quadrinhos, etc.

Portanto, por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sintetizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas (CANDIDO, 1972, p. 83).

Todos se utilizam da literatura, embora nem todos se deem conta disso, porém é ela que torna a pessoa mais humana, isto é, desperta sentimentos e expressões, sejam eles bons ou ruins, abrindo novas possibilidades de visão de mundo. Ela entra em contato com o subconsciente e fica ali armazenada até o momento em que o indivíduo a coloca em prática. Por isso a mente pode sofrer um bombardeio diante das obras lidas e essas leituras serão refletidas nas ações inconscientes.

Essa “humanização” nem sempre é como a pedagogia de ensino gostaria que fosse, mostrando só o lado bom, verdadeiro e bonito dos fatos, mas “age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela — com altos e baixos, luzes e sombras” (CANDIDO, 1972, p. 84).

Neste artigo, vamos falar sobre a “humanização” no conto “Tchau”, de Lygia Bojunga, percebendo sentimentos comuns vivenciados por qualquer ser humano durante a sua vida, como medo, desprezo, paixão.

Para tanto, faz-se necessário conhecer um pouco da história e da produção da autora, como também seu estilo literário.

Lygia Bojunga e suas filhas/suas obras

A autora em destaque nasceu na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, em 1932, mas ainda pequena mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, residindo no bairro de Copacabana. Trabalhou alguns anos no teatro e na rádio, mas em 1972 se entregou à literatura.

Lygia Bojunga Nunes já escreveu vinte e dois livros, tendo sido traduzidos, até o presente, para vinte e dois idiomas, os quais lhe renderam vários prêmios, sendo *Tchau*, o livro que oferece o conto, homônimo, ao qual nos propomos a analisar, premiado em 1985 como *O melhor para o jovem* pela FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil).

Em 2002, Lygia criou sua própria editora, a qual chamou de “Casa”, lugar onde suas personagens pudessem “morar”, para tanto, resgatou um a um seus livros que estavam em outras editoras e em 2005, na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, comemorou a reunião de toda a sua obra. Dessa forma, aprimorou seu contato com os livros, pois os acompanhava desde sua criação até o momento que chegava às mãos dos leitores. Na orelha do livro “Tchau”, edição de 2014, fez a seguinte declaração sobre a razão de ter criado uma editora:

A razão primordial foi aprofundar a minha relação com o LIVRO — companheiro constante desde os meus sete anos. Sonhei percorrermos juntos todo o caminho: desde o momento em que inicio a criação de meus personagens até o dia de ver o objeto-livro pronto, na mão de meus leitores (BOJUNGA, 2014).

A Casa Lygia Bojunga Ltda fica situada à rua Eliseu Visconti, número 421/425, no bairro Santa Tereza, na cidade do Rio de Janeiro.

Bojunga se preocupa não só com sua obra, mas também com seus leitores e com a leitura propriamente dita, por isso construiu a Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga que tem o objetivo de promover atividades voltadas à leitura e dar suporte a projetos ligados ao livro. A Fundação tem alguns projetos fixos como o “Paio de histórias”, momento em que crianças e jovens de baixa renda participam de contação de histórias, rodas de leitura, dramatização, etc. Proporciona ainda “Mini Bibliotecas básicas”, onde contribui com livros considerados básicos para melhorar o acervo das instituições escolares e ainda oferece “bolsas de estudo” para os participantes que se destacam na Fundação. Atualmente, com 82 anos, mora no histórico bairro de Santa Tereza, na mesma cidade onde fica sua “Casa”.

O estilo literário de Lygia Bojunga lhe é característico, ela faz com que suas personagens cresçam e amadureçam no decorrer da trama, mistura o real e a fantasia de forma equilibrada, o que a diferencia de vários autores da literatura infantil e juvenil, título que a autora, em entrevista, afirmou não gostar de ser limitada. Silva (2008, p. 136) afirma que “se a obra da autora se classifica como *infantil* ou *juvenil* é difícil dizer. Porém, sem dúvida, ela é genuinamente *literatura*, sem adjetivos que a restrinjam”.

Silva (2008) destaca alguns temas que Bojunga costuma abordar de forma crítica e coerente, como a crítica social, o consumismo exagerado e sem limites, o sistema escolar ineficaz, a alienação televisiva, preconceitos diversos e outros mais. Ela promove aquilo que Lobato na década de 1940 chamava de “libertação do imaginário”, pois trabalha a criatividade e a reflexão. A autora se utiliza da linguagem de forma simples, com o registro do coloquial, independentemente de ser fala indireta. O tom crítico está sempre presente em

suas obras, e isso proporciona uma reflexão por parte dos leitores sobre seus hábitos e valores da sociedade.

Sua obra, até 1987, pode ser dividida em duas fases, a luminosa e a cinzenta.

Na fase luminosa, privilegia-se o lado mágico da vida. [...] Na fase cinzenta, ao contrário, prevalece o lado trágico, como se vê o abandono do lar da mãe de Rebeca [...]. O conjunto de símbolos utilizados na primeira fase aponta para aspectos construtivos, com predomínio de imagens ligadas à gestação e ao nascimento. É o predomínio de Eros, ao contrário da segunda fase, onde impera Tânatos, com imagens de teor destrutivo, desagregador e involutivo (SILVA, 2008, p. 153).

Segundo Silva (2008), a fase luminosa de Lygia Bojunga se estende de 1972 até 1980, e faz parte dela os seguintes títulos: *Os colegas* (1972), *Angélica* (1975), *A bolsa amarela* (1976), *A casa da madrinha* (1978), *Corda bamba* (1979) e *O sofá estampado* (1980). A fase cinzenta teve início em 1983 com o livro *Sete cartas e dois sonhos* —, o livro que faz um diálogo com a obra da artista plástica Tomie Ohtake, sendo relançado em 1987 como *Meu amigo pintor*, depois continuou com *Tchau* (1984) e *Nós três* (1987). Os demais livros publicados posteriormente foram: *Livro, um Encontro* (1988), *Fazendo Ana Paz* (1991), *Paisagem* (1992), *Seis Vezes Lucas* (1995), *O Abraço* (1995), *Feito à Mão* (1996), *A Cama* (1999), *O Rio e Eu* (1999), *Retratos de Carolina* (2002), *Aula de Inglês* (2006), *Sapato de Salto* (2006), *Dois vinte I* (2007) e *Querida* (2009).

As obras dessa autora são sempre carregadas de símbolos que proporcionam o amadurecimento do leitor no mesmo instante que isso ocorre com as personagens. Ela destaca espaços abertos como o mar, o cais, a praia, o porto, como também se utiliza de espaços fechados como a mala, a bolsa, o ovo, o barco, a sala, a casa. Essas imagens nem sempre apresentam o mesmo significado, pois o mar, que pode significar num momento um ambiente alegre, claro, aprazível

vel, divertido e aconchegante, pode também significar o momento da despedida, da dor da perda, de dissabores, enfim, cada ícone traz consigo significados diferenciados diante do contexto em que está inserido.

Lygia Bojunga destaca como protagonista a criança, pois a autora abraçou os ideais de valorização da infância², que ressurgiu na década de 1970 no Brasil. A criança até então vinha numa ascensão, outrora insignificante para a sociedade, agora tida como um ser especial e em desenvolvimento. Por isso que a centralização do enredo na criança permitiu a construção de personagens que buscaram a conquista do espaço social, construindo uma identidade e a possibilidade da expressão dos seus sentimentos. Seus livros, publicados na década de 70, valorizaram a proposta daquele momento literário que consistia em “uma proposta aderente a todos os níveis de realidade, graças ao fluxo do monólogo, da gíria, da abolição das diferenças entre o falado e o escrito [...] que acerta o passo com o pensamento” (CANDIDO, 1989, p. 211).

Tchau — o livro

Nós propomos a analisar nesse artigo a *humanização* dentro do conto *Tchau*, inserido no único livro de contos de Lygia Bojunga, que leva o mesmo título.

O livro *Tchau* é composto por quatro contos, todos tendo sua temática relacionada com despedidas, exalando sentimentos como a paixão, amizade, solidão, separação familiar, ciúme, perda, necessidade de criar ou de fugir, supe-

² A criança até então era vista como um adulto em miniatura, porém uma nova visão estava se formando, visão de que o menor era um ser em construção, digno de respeito e dedicação. Bojunga comungava dessa ideia, por isso provia meios de acesso dos pequenos aos livros que reputava como de qualidade, por isso criou, através da “Casa Lygia Bojunga”, projetos de contação de histórias, rodas de narrativas, proporcionando às crianças, geralmente as carentes sem acesso à literatura, esses momentos de contato e interação com os livros.

ração, etc., e são eles: “Tchau”, “O bife e a pipoca”, “A toca e a tarefa” e “Lá no mar”. Esse livro foi publicado pela primeira vez pela Editora Agir em 1984. A atual versão é da editora Casa Lygia Bojunga, onde a autora teve a liberdade de fazer algumas alterações, como colocar uma introdução chamada *Pra você que me lê*. Essa introdução é iniciada com letra cursiva, dando uma ideia de carta, de intimidade, e nela a autora de fato dialoga com o leitor, conversando sobre amizade, necessidades sentimentais, falando um pouco sobre sua infância e explica o contexto que a fez mudar a capa do livro, encerrando com um “até nosso próximo encontro”, também escrito à mão.

Como pode ser percebido, Bojunga fez uma alteração na capa do livro, que teve duas capas anteriores, uma que retratava o céu ou o mar, sendo toda azul com partes brancas, como se fossem nuvens ou ondas e a outra tinha um fundo amarelo, com um quadrado em destaque, tendo um desenho infantilizado de uma praia com uma janela e uma mala, ambos obtendo símbolos expressos em um dos contos do livro. Porém, a nova capa tinha um cunho reflexivo.

Bojunga reproduziu na capa do *Tchau* um quadro chamado *A Solitária*, do pintor norueguês Edvard Munch. A imagem é composta por um fundo verde e marrom, podendo representar gramado e rochas ou mar e praia, com uma garota de costas, com vestido branco longo e de mangas longas e cabelo loiro comprido. O cinto preto em volta da cintura também prendia o cabelo. Segundo Lygia Bojunga, em sua introdução:

A intriga que senti olhando pr’*A Solitária* poderia ter sido acionada pelo que há de intrigante naquela figura:

Um cinto prendendo uma cabeleira vigorosa numa cintura delicada;

Um olhar que, mesmo a gente não vendo, a gente vê perdido no horizonte;

A brancura intensa de uma veste, acentuando dúvidas: é uma adolescente? Uma mulher? Uma noiva? Um fantasma?

E em volta da figura: Sombras? Pedras? Areias? Rochedos? (BOJUNGA, 2014, p. 12).

Fato é que a imagem criada por Munch transmite a sensação de tristeza, de despedida, de abandono, de decepção, de solidão. E essas são características próprias dos contos apresentados neste livro.

Essa nova versão possui 129 páginas, traz uma linguagem acessível e descontraída, como também coloquial, própria da autora, como já foi dito, se tornando um livro de fácil leitura e provável encantamento. *Tchau* ganhou o prêmio *O melhor para jovem*, já citado anteriormente, como também foi incluído no setor de melhores livros da Biblioteca Internacional da Juventude, em Munique, na Alemanha e fez parte da obra de Lygia Bojunga que recebera o Prêmio Hans Cristian Andersen, tido como o Nobel da literatura, e o Prêmio ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award).

Nessa obra, como nuas outras, Bojunga demonstra a sensibilidade que tem ao escrever, ao tocar na vida do leitor, ao descrever o mundo através do olhar de uma criança, dando voz a sentimentos vívidos, humanizando-os no sentido de fazer viver as sensações. Pinheiro (2008) afirma:

Em Lygia Bojunga Nunes, identificamos a sensibilidade dos autores pós Monteiro Lobato de dar voz a personagens infantis e adolescentes que vivenciam situações significativas à realidade de seus leitores, contudo, a autora trabalha com uma perspectiva estética apurada, a partir de construções sintáticas que exigem a maturidade do leitor literário. Suas personagens são marcadas por um significativo aprofundamento psicológico (PINHEIRO, 2008, p. 2).

Tchau — o conto

O conto “Tchau” narra, através da perspectiva de uma menina, a separação dos pais. Ele é iniciado com o som da campainha tocando e Rebeca, a filha mais velha, atendendo e se surpreendendo com um buquê de flores endereçado à sua mãe.

A mãe de Rebeca pegou o buquê, que vinha acompanhado de um cartão, logo após foi atender o telefone e ficou algum tempo ali conversando em outra língua e sorrindo, com ar de adolescente. A filha a observava e percebia seu ar de felicidade e depois juntas, sem palavras, arrumaram as flores no vaso.

Mais tarde as duas saíram para fazer compras e na volta resolveram caminhar pela praia, onde sentaram para descansar um pouco, e foi nesse momento que a mãe de Rebeca confessou que não amava mais o marido, pai de Rebeca, e que estava apaixonada por Nikos, um grego. A filha começou a entender os telefonemas em outra língua e as flores, mas não compreendia o sentimento da mãe.

Tarde da noite Rebeca, do seu quarto, escutou o choro da mãe e foi até a sala, onde a viu deitada no sofá, mas antes de aproximar-se, percebeu que seu pai também estava entrando na sala, assim correu e se escondeu atrás do sofá, ouvindo toda a discussão do casal, que consistia na insistência da mãe em querer ir embora sem os filhos e nas ameaças do pai em não permitir o encontro deles nunca mais, caso não os levasse naquele momento.

No outro dia, Rebeca estava voltando para casa quando avistou seu pai sentado em um bar e percebeu que sua mesa estava cheia de copos vazios e foi até lá para ajudá-lo. Ele tentou mandar a menina embora, mas não conseguiu, então ela serviu de ombro amigo para ouvir as lamentações do pai, que não sabia o que fazer para segurar a esposa e criar os filhos sozinho. Nesse momento, Rebeca promete ao pai que não deixaria a mãe ir embora.

Em casa, a mãe arrumava a mala para partir. Rebeca fingiu não perceber e ficou no seu quarto e, logo depois, escutou a mãe se despedindo de Donatelo, o filho mais novo, quando de repente ouviram o som de uma buzina e a mãe então correu para se despedir dela. Rebeca pediu, insistiu, implorou para a mãe ficar, mas ela estava irredutível, então a menina a seguiu até a sala e continuou implorando. A buzina soou novamente, a mãe pegou a mala no mesmo instante que a garota. Ela puxou a mala e arrastou a filha. Como percebeu que a menina não deixaria a mala, saiu correndo sem nada, dizendo somente tchau.

Enredo / personagens / espaço / tempo

Tchau é um conto narrado em terceira pessoa, com exceção da última parte, que é um bilhete de Rebeca para o pai em primeira pessoa. O narrador onisciente conta a história através do olhar inocente de uma criança, Rebeca. A narrativa gira em torno dos sentimentos de medo, relacionamento conjugal desgastado e solidão, mantendo uma linguagem acessível.

As personagens são Rebeca, a filha mais velha, que deve ter entre 10 e 12 anos. Donatelo, o filho mais novo, com idade entre 4 e 5 anos, a Mãe, que está enamorada de Nikos, um grego que fala em francês para conseguir se comunicar com ela e o Pai, que se revolta com a atitude da Mãe, quando ela decide abandonar a família para viver um novo relacionamento. Porém o narrador dá voz somente a Rebeca, à Mãe e ao Pai.

Rebeca é um nome oriundo do hebraico *Ribgab*, que significa laço, rede, isto é, algo que serve para prender, juntar, deixar junto e a Rebeca foi colocada a precoce responsabilidade de unir a família para a qual ela falhou. Donatelo vem do italiano e significa presente, presente esse que fora deixado para trás.

O conto tem seis capítulos distribuídos em vinte e uma páginas, que levam os seguintes títulos: 1- “O buquê”, 2- “Na beira do mar”, 3- “No sofá da sala”, 4- “Na mesa do botequim”, 5- “A mala” e 6- “O pai volta tarde e encontra um bilhete no travesseiro”. Desses, o primeiro e o quinto capítulos podem ser chamados de metonímicos, pois “o buquê” representa o amante presente naquela casa, e “a mala” representa a mãe, a parte dela que ficou para a família. E o segundo, terceiro e quarto capítulos são representações de ambientes psicológicos.

No primeiro capítulo, é revelado para o leitor o interesse de um estrangeiro pela Mãe, pois esta recebe flores com o bilhete escrito em outra língua e conversa ao telefone da mesma forma. Esse homem é representado pelas flores, pois a elas a mãe abraça e dá atenção, sem conseguir encarar os olhos da filha.

No segundo capítulo, Rebeca descobre que os pais estão prestes a se separar, pois a mãe está apaixonada por um grego chamado Nikos. Nesse ponto, a filha, que ainda era uma criança, tinha uma visão romântica do casamento e não enxergava o desgaste do relacionamento conjugal dos pais. Foi à beira do mar, na areia onde estava brincando de construir castelos de areia, que viu o seu “castelo familiar” desmoronar. Aquele castelo representava os sonhos de um casamento perfeito, de uma vida familiar feliz, sonho esse que geralmente faz parte do imaginário feminino. Procurou convencer a mãe, mas ela dizia estar confusa. Nesse ambiente, Rebeca percebe a profundidade e a tristeza do mar, o quanto ele pode afastar, porém o mar tinha outra conotação para a mãe, representava liberdade, mudança de vida, novos horizontes. Diante da confissão da mãe, Rebeca começou a amadurecer para entender um mundo que até então lhe era desconhecido. Embora necessitasse amadurecer rapidamente, a última parte do diálogo mostra a infantilidade ainda presente na garota, que chega até ser cômico.

— Que nome esquisito.

— Ele é grego.

— Grego? E você entende o que ele fala?

— A gente conversa em francês.

Rebeca ficou olhando pro castelo desmanchado. Depois de um tempo suspirou:

— E ainda mais essa! Com tanto homem no Brasil (BOJUNGA, 2014, p. 28).

O terceiro capítulo, “No sofá da sala”, mostra o desenvolvimento da trama, momento em que o Pai é comunicado da relação extraconjugal da Mãe e a decisão de partir. A sala, geralmente é o ambiente da casa onde a família se reúne, onde se recebem amigos, onde há diálogos e divertimento e o sofá reduz espaço, pois ajusta mais as pessoas, as deixa mais próximas e aconchegadas, porém, nesse caso passou a ser um espaço de discórdia, de individualismo, pois a Mãe estava deitada sozinha nele enquanto Rebeca se escondia atrás e o Pai esbravejava na frente. O sentimento de medo, de tristeza e de rejeição é conotado pela escuridão do ambiente, pois era tarde da noite, como também pelas palavras do Pai, que insistia em dizer que a Mãe estava abandonando a família, abandonando os filhos e que nunca mais voltaria a vê-los se não os levasse naquele momento. As duras expressões davam a entender que ambos rejeitaram os filhos, pois o Pai também estava abrindo mão deles se a Mãe os quisesse levar, mas ela não queria, não podia.

O capítulo quatro mostra um pai derrotado, sentado na mesa do botequim, pois o bar representa um ambiente onde alguns buscam refúgio durante os momentos de dificuldades. O pai se mostra fraco e sem esperança, não demonstra ter forças para lutar, buscando na filha uma solução para o seu casamento, para sua vida. Quando olha de verdade para a filha percebe o quanto ela é parecida com a mãe, forte e decidida, então pede socorro a ela, que promete resolver o problema. Nesse momento a garota novamente tem que amadurecer, dar conselhos a um homem desiludido. Rebeca apresenta um perfil que rompe com as normas sociais esperadas para uma criança. Talvez isso represente a ma-

neira que vinha olhando superficialmente para a esposa e não enxergando de fato. A sua fraqueza não só física, mas psicológica e é demonstrada pela sua fala e pela cena descrita:

— A tua mãe não gosta mais de mim.

Rebeca olhou pra mesa: cheia de copo vazio. Será que o pai tinha bebido tudo aquilo? (BOJUNGA, 2014, p. 33).

Os copos vazios representam a sua própria existência, vazia, sem sentido de ser, talvez tenha se apegado tanto ao trabalho, à música, que acabou perdendo aquilo que lhe era mais importante, a família. Diante da presença do pai e da filha deu-se um confronto em que Bojunga (2014) procurava colocar em xeque os valores patriarcais difundidos nos setores sociais onde ainda imperava o tradicionalismo, a autora procurou quebrar paradigmas quando atribuiu um papel passivo a uma personagem masculina.

O quinto capítulo narra o ápice da história. É o momento mais marcante e comovente, onde o leitor se depara com o efeito de estranhamento, onde procura voltar na leitura para ver se deixou de ler algo, então passa a rever as suas próprias ideologias. Como afirma Eco:

O efeito de estranhamento ocorre *desautomatizando*-se a linguagem: a linguagem habituou-nos a representar certos fatos segundo determinadas leis de combinação, mediante fórmulas fixas. De repente um autor, para descrever-nos algo que talvez já vimos e conhecemos de longa data, emprega as palavras (ou os outros tipos de signos que se vale) de modo diferente, e nossa primeira reação se traduz numa sensação de *expatriamento*, numa quase incapacidade de reconhecer o objeto, efeito esse devido à organização ambígua da mensagem em relação ao código. A partir dessa sensação de “estranheza”, procede-se a uma reconsideração da mensagem, que nos leva a olhar de modo diferente a coisa representada mas, ao mesmo tempo, como é natural, a encarar também di-

ferentemente os meios de representação e o código a que se referiam (ECO, 2013, p. 69-70).

É nesse capítulo que temos o objeto “mala”, que a princípio representa despedida da mãe, mas ao final representa a própria mãe, a parte dela que permaneceu em casa. Quando Rebeca entrou em casa e viu a mala sobre a cama, cheia de roupas e acessórios, sabia que sua mãe decidira abandoná-los, no seu quarto, que representava o seu mundo, sua segurança, já que tudo estava sendo abalado. Começou a desenhar um barco, que pode representar aquele que pode afastar ou aproximar a mãe da família, porém o desenhava com força, fazendo com que a ponta do lápis se quebrasse a todo momento. Essa ponta também representava os sentimentos de Rebeca, que estão quebrados, esfacelados e a força representa a raiva e ansiedade que sentia naquele momento.

A mãe entrou no quarto, entrou por poucos minutos no mundo da filha, mas não conseguiu encará-la até que a buzina do táxi soou, o som a fez lembrar-se das suas decisões e da mudança pela qual passaria e também atingiu Rebeca que se lembrou que estava prestes a perder sua mãe, então num salto se abraçaram fortemente, um abraço que doeu não só o corpo, mas principalmente a alma. “Rebeca fechou o olho: que troço danado pra doer aquele abraço” (BOJUNGA, 2014, p. 38). Nesse reboiço de sentimentos, Donatelo permanecia dormindo, alheio a tudo o que estava acontecendo naquele lar.

A mãe de súbito largou a filha, a deixou desprotegida de seus braços, da sua presença e correu para a sala, rumo à sua esperada felicidade, porém Rebeca a seguiu e segurou a sua mala, isto é, aprendeu ali, não querendo permitir sua partida. A mãe puxou a mala com força, a mãe queria se livrar daquela situação, a filha puxou mais forte, implorando com os olhos para que aquela que geralmente protege, ama, acolhe, não os abandonasse. À medida que a partida da mãe se

aproximava, a angústia no coração da garota aumentava na mesma proporção em que a mãe se afastava.

O táxi buzinou novamente, o som novamente teve o efeito de acordar as personagens, trazendo-as de volta para o conflito que ocorria. Então a mãe, contradizendo todas as expectativas da sociedade, deixou a mala, entrou no carro e partiu, deixando uma parte dela com a filha, que tanto implorara o seu amor. A mãe apenas disse tchau, o que significava que um dia voltaria, pois o tchau representa um curto espaço de tempo de distanciamento entre as pessoas, diferente do adeus, que dá uma sensação de ser para sempre.

O conto é encerrado com o sexto capítulo que é somente um bilhete deixado por Rebeca para o pai, explicando que havia falhado, mas que ainda tinha esperança, pois a mala havia ficado, parte da mãe ainda estava ali, no quarto do pai. O bilhete demonstra que Rebeca estava envergonhada por não ter êxito na sua missão de não permitir a partida da mãe, então evitou o seu olhar.

Conclusão

O conto analisado retrata a fase feminista no Brasil, pois há questionamento dos papéis sociais desenvolvidos tradicionalmente por homens e por mulheres. O termo “feminista” remete às ações políticas e sociológicas, sendo associada às lutas de igualdade entre homens e mulheres. A autora se mostra consciente de seu papel na sociedade, pois projetou na voz do narrador ou das personagens uma postura de embate diante de tudo que acontecia a seu redor, pois a década de 1970 ainda estava sob o poder da ditadura militar, onde a criança e a mulher eram discriminadas, porém Bojunga as exaltava, de modo que tinham voz e vez.

No decorrer do conto, pudemos perceber que os pais tratavam Rebeca como uma pessoa adulta, madura, cheia de experiências para poder aconselhar e eles sim foram apresen-

tados de forma fragilizada, sensíveis, pois são eles que cometem erros, são individualistas e não se preocuparam com os sentimentos da menina. Enquanto ambos buscaram o “ombro amigo” da filha, não se sensibilizaram em perceber o quanto ela estava sofrendo com toda a situação, o quanto lutou sozinha para manter a família unida e o quanto se sentiu frustrada diante da derrota de não ter alcançado seu objetivo.

O conto *Tchau* retrata o desmoronamento da típica família burguesa ao expor a traição, em especial por parte da mulher, e a separação, como também a transmissão do papel principal da casa para a filha, que geralmente permanecia intrinsecamente nas mãos do pai ou do filho “homem”.

A humanização marca essa obra desde a escolha da capa até a última linha do livro. Os sentimentos são aflorados, a autora consegue fazer com que as personagens de fato vivam as emoções descritas, levando o leitor a também senti-las de maneira muito real, levando-os à reflexão e à ações presentes ou futuras. Cada circunstância carrega um sentimento diferente tanto de quem vivencia a narrativa tanto de quem a lê. A humanização marca as falas, os ambientes, os objetos, os olhares, pois tudo no conto exala sensações e sentimentos dos mais variados tipos, podendo ser esses sentimentos bons como de alegria, euforia, felicidade, ou de tristeza, angústia e solidão. Nessa obra, Lygia Bojunga consegue expor a alma não só das personagens, mas de todos os seres humanos que de alguma forma foram abandonados.

A literatura cria no homem a fantasia, a capacidade de sonhar, de ter devaneios e isso muitas vezes é retratado diante do cotidiano, do mundo que circunda o indivíduo, refletindo o momento histórico em que está vivendo, sendo assim se torna próxima, pois o coloca num ambiente já familiar e seguro. Segundo Candido (1972), num artigo para a revista *Ciência e Cultura*,

a fantasia quase nunca é *pura*. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Eis porque surge a indagação sobre o vínculo entre a fantasia e a realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura (CANDIDO, 1972, p. 83).

Observando a última frase do autor, passamos a pensar que a função da literatura é libertar o ser humano, fazê-lo ir mais além, permitir que se torne um ser humano reflexivo, pensante, dono de suas próprias decisões e acima de tudo mais humano, mais compreensivo, melhor, e o conto "Tchau" permite tais reflexões, permite que o leitor pare por um determinado tempo e reflita sobre as suas atitudes e modo de ver e viver o mundo.

Referências

BOJUNGA, Lygia. Tchau. 19. ed. Casa Lygia Bojunga: Rio de Janeiro, 2014.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

CANDIDO, Antonio. A educação pela noite e outros ensaios. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

ECO, Umberto. A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

PINHEIRO, Alexandra Santos. Ser mulher e ser menina: uma análise do conto "Tchau", de Lygia Bojunga Nunes. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 — Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br>>. Acesso em: 16 jun. de 2015.

SILVA, Andreia Cristina da. Análise semiótica do conto "Tchau" de Lygia Bojunga Nunes. Diálogos Pertinentes. Revista Científica de Letras. Franca, SP, v. 4, n. 4, p. 47-57, jan./dez. 2008.

[Recebido: 11 set. 2015 — Aceito: 8 nov. 2015]